



Superando o difusionismo: Desafios da formação de extensionistas para uma extensão rural agroecológica

Overcoming diffusionism: extension training challenges for an extension agroecological

AGUIAR, Maria Virginia de Almeida¹

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco, Núcleo de Agroecologia e Campesinato, mvirginia.aguiar@gmail.com

Resumo

O presente artigo se propõe a analisar os desafios atuais da formação de extensionistas que atuam nas entidades de extensão rural que vem colocando em prática projetos propostos no âmbito das chamadas públicas de agroecologia realizadas pela Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. A partir da análise de uma proposta educativa concreta, concluiu-se que, apesar dos avanços em termos de política pública, ainda há desafios a serem enfrentados por educadores e extensionistas.

Palavras-chave: extensão rural; formação de extensionistas; educação em agroecologia.

Abstract

This article aims to analyze the current challenges of extension training working in rural extension entities has pursued proposed projects within public announcements of agroecology carried out by the National Policy for Technical Assistance and Rural Extension. From the analysis of a concrete educational proposal, it was concluded that despite advances in terms of public policy, there are still challenges to be faced by educators and extension.

Keywords: rural extension; extension of training; agroecology education.

Introdução

O presente artigo se propõe a analisar os desafios atuais da formação de extensionistas para uma extensão rural agroecológica no Brasil, em especial para aqueles que atuam em projetos apoiados pelas Chamadas Públicas de Agroecologia do Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA. Essa Chamada, lançada em 2013, foi uma das mais recentes iniciativas da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária – Pnater (instituída pela Lei de Ater nº 12.188, 2010) no que diz respeito as ações voltadas para a promoção da agroecologia entre os agricultores familiares. Foi fruto do debate com as



organizações de extensão rural em função dos vários problemas encontrados nas chamadas públicas anteriores com relação ao promoção da agroecologia (ANA, 2012)

No mesmo ano do seu lançamento as organizações da sociedade civil iniciaram um diálogo com o MDA para o aprimoramento da Chamada pois avaliavam que, entre outros problemas, foram propostos instrumentos de extensão rural que pouco contribuíam para compreender a natureza complexa das estratégias camponesas, não rompendo com a lógica do difusionismo e da visão fragmentada dos sistemas socioeconômicos e ambientais dos agricultores. Assim, uma proposta de novos instrumentos foi encaminhada por um conjunto de organizações não-governamentais do Nordeste brasileiro (Rede Ater Nordeste) buscando qualificar a proposta.

Sabemos das deficiências na formação do profissional que atua com extensão rural no Brasil (FREIRE, 1975; CAPORAL, 2003; AGUIAR, 2010). A educação convencional não propicia processos de aprendizagem que desenvolvam nos profissionais uma visão sobre a complexidade dos sistemas produtivos camponeses o que dificulta sua capacidade de compreender a atividade produtiva a partir de uma visão sistêmica e da relação seres humanos-ambiente. No que pese os avanços do debate sobre a abordagem de agroecossistemas familiares por diferentes correntes teóricas que trabalham com agroecologia ou campesinato (BOURGEOIS, 1983; ALTIERI, 1989; CONWAY, 1993), a educação profissional e muitas organizações de extensão rural do país têm avançado pouco nesta direção. Essa perspectiva trazida pela Rede Ater Nordeste foi incorporada às preocupações do Núcleo de Agroecologia e Campesinato – NAC/UFRPE que vem desde algum tempo desenvolvendo atividades de educação em agroecologia em parceria com as organizações governamentais e da sociedade civil em Pernambuco (AGUIAR, 2014). Também coincide com os esforços do MDA para vincular as atividades de formação de



extensionistas executores das chamadas públicas aos projetos de núcleos de agroecologia de universidades, apoiados pelo MDA/CNPq.

O presente artigo analisa uma experiência de formação construída sob a perspectiva acima referida, pelo NAC e pelo Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, uma das entidades executoras da Chamada Agroecologia em Pernambuco e pertencente a Rede Ater Nordeste. Trata do “Curso de Construção de Conhecimentos em Agroecologia para Agentes de ATER da Zona da Mata e Agreste” realizado no âmbito desta parceria. Cabe ressaltar que esta proposta foi construída por uma parceria mais ampla envolvendo o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido – NEPPAS/UFRPE e as ONGs Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não-Governamentais Alternativas – Caatinga e Casa da Mulher do Nordeste. Estes parceiros realizaram dois outros cursos, com técnicos dos sertões do Pajeú e do Araripe.

Os cursos tiveram como objetivo geral “Capacitar profissionais a partir de aspectos teóricos e práticos da Agroecologia, com conhecimentos e habilidades necessários à implementação de práticas agroecológicas junto a agricultores familiares, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do meio rural do estado de Pernambuco e para mudanças nas desigualdades de gênero”. Assim, foi proposta uma formação que permitisse aos técnicos refletir de forma crítica sobre os instrumentos de extensão rural que vem sendo propostas nas Chamadas de Agroecologia do MDA e, ao mesmo tempo, propiciasse a formação sobre as estratégias das famílias agricultoras a partir do exercício prático da caracterização dos agroecossistemas (REDE ATER NE, 2014). Com isso se incluiu elementos pedagógicos que proporcionassem o diálogo e a reflexão sobre os sistemas produtivos familiares, facilitando assim o planejamento da assessoria, o fortalecimento das famílias agricultoras e a implementação de inovações tecnológicas (AZEVEDO, 2014). Cabe ressaltar que na metodologia e conteúdos propostos foram incluídas questões relativas as desigualdades de gênero na



agricultura familiar e a importância do trabalho reprodutivo e produtivo das mulheres agricultoras, buscando qualificar a atuação dos extensionistas na análise dos agroecossistemas.

Metodologia

Para construção deste artigo foi realizada revisão bibliográfica sobre abordagem sistêmica, análise de agroecossistemas, extensão rural, educação em agroecologia, Pnater e foi feita análise documental da Chamada de Agroecologia do MDA, da proposta pedagógica e do relatório do curso, entre outros documentos. O artigo também orienta-se por uma abordagem participativa (Thiollent, 2011) pois a autora coordenou e esteve presente em todas as etapas do curso que envolveu os participantes da Zona da Mata Sul e Agreste. Faz parte portanto de um conjunto de iniciativas que vem sendo desenvolvidas pelo NAC/UFRPE em torno a reflexão sobre a sua própria prática como núcleo envolvido no ensino, na pesquisa e na extensão.

Resultados e discussões

O curso foi organizado em dois módulos presenciais e um intermódulo a distância (com total de 54 horas). Os participantes do curso foram extensionistas de diferentes áreas do conhecimento e níveis educacionais (técnicos de nível médio e superior) atuantes na Zona da Mata e Agreste de Pernambuco, envolvidos diretamente em ações de extensão rural agroecológica. O curso também teve a participação de técnicos do Instituto Agrônomo de Pernambuco, estudantes da UFRPE e professores do IFPE/Barreiros que atuam direta ou indiretamente com agroecologia.

Optou-se por trabalhar com a abordagem da agroecologia em suas diferentes dimensões (ecológica e técnica produtiva; sociocultural e econômica; política). Assim, os temas trabalhados foram: Conceito e fundamentos da Agroecologia e de desenvolvimento rural sustentável; Atributos da sustentabilidade; Impactos e conflitos socioambientais causados pela atividade produtiva convencional; Conceito de



agroecossistemas; Análise funcional de agroecossistemas camponeses; Extensão rural agroecológica; Metodologias participativas e construção coletiva de conhecimentos; Relações sociais de gênero; Estratégias produtivas do campesinato, dinâmicas territoriais do desenvolvimento rural e políticas públicas para a agricultura familiar na Zona da Mata e Agreste; Redes sociais camponesas e agroecológicas.

A partir de uma perspectiva construtivista, as orientações pedagógicas adotadas no curso foram: 1) Ter a pesquisa sobre os agroecossistemas familiares das regiões como instrumento formativo possibilitando trabalhar aspectos teóricos da Agroecologia e da Extensão Rural a partir da prática junto aos grupos de agricultores, de mulheres e de suas vivências; Formação a partir da ação e do fazer cotidiano dos técnicos com as famílias agricultoras; 2) Trabalhar com a análise de agroecossistemas para compreender a complexidade das estratégias camponesas locais à partir da adoção de algumas ferramentas (linha do tempo, caminhada, mapa da propriedade com fluxo de produtos e insumos, tabela do trabalho produtivo e reprodutivo e análise da sustentabilidade) propiciando a mudança na percepção dos técnicos e dos próprios agricultores sobre sua estratégia produtiva; 3) Adotar uma abordagem problematizadora e transformadora à partir de uma leitura crítica da realidade do território e das estratégias camponesas existentes, visibilizando as desigualdades sociais e de gênero. Cabe ressaltar a importância da realização das atividades práticas na primeira etapa e no intermódulo (com famílias acompanhadas) do curso, quando foi possível vincular a discussão teórica com a pesquisa e a ação em campo.

Conclusões

Os conteúdos e princípios pedagógicos delineados para o curso foram colocados em prática a partir da dimensão problematizadora com que os temas relativos a agroecologia e extensão rural foram trabalhados, incluindo a abordagem de gênero, superando a formação em agroecologia a partir de uma perspectiva meramente técnica-produtiva. Se as organizações (MDA e entidades executoras) querem avançar



para uma Ater agroecológica que rompa com o difusionismo, é preciso enfrentar vários desafios. Há a necessidade de se desenvolver um “novo profissionalismo” entre professores do NAC e dos técnicos envolvidos em ações de extensão no estado e a formação deve acontecer de forma continuada com uma carga horária mais ampla que permita o aprofundamento das reflexões sobre os temas trabalhados, ação não preconizada na Chamada de Agroecologia. Por outro lado, percebeu-se que há uma contradição entre o comprometimento dos técnicos com as metas estabelecidas pela Chamada e os princípios educativos orientados por uma perspectiva construtivista e agroecológica presentes na prática extensionista propostos no curso em questão, o que nos indica que é preciso revisar os instrumentos, metas e prazos presentes nas Chamadas. Ainda percebeu-se que as ferramentas de análise de agroecossistemas somente terão sentido para uma nova extensão rural se partir de uma postura crítica dos extensionistas à partir dos princípios da educação popular e forem utilizadas para transformar as realidades em direção a mais autonomia dos agricultores.

Agradecimentos

À Chamada MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq Nº 81/2013 que apoiou as atividades deste curso entre outras atividades de extensão realizadas pelo NAC/UFRPE e às Chamadas Públicas MDA/INCRA/SAF/DATER nº 12/2013; SAF/ATER nº 07/2013 e; DPMRQ/MDA nº 01/2014 realizados pelo Centro Sabiá.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, M. V. de A. Educação e Agroecologia - que formação para a sustentabilidade? Revista Agriculturas, v. 7, nº 4, pp. 4-6, dez 2010.
- AGUIAR, M. Virginia de A. Educação em Agroecologia: pontos para o debate a partir da experiência do Núcleo de Agroecologia e Campesinato da UFRPE. Brasília, MDA, 2014 (no prelo).
- ALTIERI, M. Agroecologia. As bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: ASPTA, 1989.
- ANA. Detalhamento de algumas ações prioritárias para a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. [Rio de Janeiro, 2012]. Disponível em www.agroecologia.org.br/index.php/publicacoes/temas-prioritarios/politicas-publicas-com-enfoque-agroecologico/ana-detalhamento-de-algumas-aes-prioritarias-pnapo-doc/download.
- AZEVEDO, T. Rede ATER/NE se reúne para atividade de formação sobre agroecossistemas camponeses. Cetra, 2014. Disponível em www.cetra.org.br/noticia/164-rede-ater-ne-se-reune-para-atividade-de-formacao-sobre-agroecossistemas-camponeses.
- BOURGEOIS, A. O estabelecimento agrícola visto como sistema. In: REYNAL, V. de, MUCHAGATA, M. G., CARDOSO, A. (Orgs.). Funcionamento do Estabelecimento Agrícola.



Belém: DAZ/NEAF/UFPA, 1995. (Apostila do curso de especialização em Agriculturas Familiares Amazônicas e Desenvolvimento Agro-ambiental).
CAPORAL, F. R. Bases para uma nova Ater pública. Revista Extensão, nº10, Jan/Dez 2003.
CONWAY, G. R. Análise participativa para o desenvolvimento agrícola sustentável. RJ: ASPTA, 1983.
REDE ATER NORDESTE. Proposta de caracterização dos agroecossistemas nas Chamadas de Ater-Agroecologia. [Rio de Janeiro, 2014]. 10p.
THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2011